

LINGUASAGEM

CONCEPÇÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO NO INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO (IFSP): UMA ANÁLISE DOCUMENTAL¹

Rafaela Silva de Souza²
Isadora Valencise Gregolin³

RESUMO

A globalização é um *status* inerente ao mundo contemporâneo e chega a todos de maneira irremediável (Baumann, 1999). Neste trabalho, interessa-nos discutir a face da globalização a qual estudiosos denominam internacionalização (Knight, 2020; Beelen e Jones, 2015; De Wit *et al*, 2015; Hudzik, 2011), mais precisamente a internacionalização no Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Para tanto, problematizamos alguns dos dados coletados em uma pesquisa de doutorado embasada no paradigma qualitativo (Chizzotti, 2000) de base documental (Bardin, 1977), cujo objetivo foi identificar, por meio da análise de documentos oficiais e públicos do IFSP, as concepções de internacionalização que circulam na instituição. A relevância da temática consiste na importância de compreender os valores que moldam as concepções de internacionalização em um contexto educacional singular no país como são os Institutos Federais (IFs). Os resultados parciais da pesquisa apontam que as concepções de internacionalização nos documentos oficiais do IFSP ainda aparecem de forma fragmentada e que a mobilidade acadêmica ainda é uma concepção predominante de internacionalização na instituição. No entanto, reconhecemos o empenho do IFSP em fortalecer a internacionalização no âmbito institucional e os avanços apresentados sobre esse tema no decorrer dos anos.

PALAVRAS-CHAVE: Instituto Federal de São Paulo; Concepções de internacionalização; Documentos Institucionais.

RESUMEN

La globalización es un *status* inherente al mundo contemporáneo y alcanza a todos de manera irremediable. (Baumann, 1999). En este trabajo, nos interesa discutir la faz de la globalización a la cual estudiosos denominan internacionalización (Knight, 2020; Beelen e Jones, 2015; De Wit *et al*, 2015; Hudzik, 2011), más precisamente la internacionalización en Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Para tanto, discutimos algunos de los datos obtenidos en una investigación doctoral basada en el paradigma cualitativo (Chizzotti, 2000) de base documental (Bardin, 1977), cuyo objetivo fue identificar, por medio del análisis de documentos oficiales y públicos de IFSP, las concepciones de internacionalización que circulan en la institución. La relevancia de la temática reside en la importancia de comprender los valores que moldan las concepciones de internacionalización en un contexto educacional singular en el país como son los Institutos

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Docente no Instituto Federal de São Paulo (IFSP). E-mail: rafaela.souza@estudante.ufscar.br.

³ Docente do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: isadora@ufscar.br.

Federais (IFs). Los resultados parciales de la investigación apuntan que las concepciones de internacionalización en los documentos oficiales de IFSP aún aparecen de forma fragmentada y que la movilidad académica aún es una concepción predominante de internacionalización en la institución. Sin embargo, reconocemos la dedicación de IFSP en fortalecer la internacionalización en el ámbito institucional y los avances presentados sobre ese tema en el transcurrir de los años.

PALABRAS-CLAVE: Instituto Federal de São Paulo; Concepciones de internacionalización; Documentos Institucionales.

Introdução

De acordo com Baumann (1999), a globalização é um status inerente ao mundo contemporâneo e chega a todos de maneira irremediável. Fazer parte da globalização afeta os indivíduos de diferentes formas, tanto positiva quanto negativamente, a depender de fatores como: idade, classe social, gênero, raça, profissão, localização geográfica etc. Neste artigo, interessa-nos discutir a face da globalização a qual estudiosos denominam internacionalização (Knight, 2020; Beelen e Jones, 2015; De Wit *et al.*, 2015; Hudzik, 2011).

Em uma busca rápida pelo catálogo de teses e dissertações da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES), ao pesquisar o termo *internacionalização*, encontramos 4183 resultados, sendo 2377 dissertações e 995 teses, escritas entre 1987 e 2023. Vale destacar que houve um aumento, quase que constantemente, da discussão sobre o tema no decorrer das décadas, sendo interesse de diferentes grandes áreas do conhecimento como: Ciências Sociais Aplicadas, Agrárias, Biológicas, da Saúde, Exatas e da Terra, Humanas, Engenharia, Linguística, Ciências e Artes e Multidisciplinar.

Ao filtrar os resultados de pesquisa considerando as subáreas do conhecimento: Educação, Letras, Ensino, Linguística Aplicada e Ensino-aprendizagem, o número de produções que contemplam o assunto representa 11,5% das produções totais, sendo 265 dissertações e 184 teses, escritas entre 2013 e 2023, o que indica um interesse recente dessas áreas, ou subáreas, pelo tema.

Nota-se, ainda, que as discussões sobre internacionalização são realizadas observando diferentes objetos de estudo. Analisam-se instituições de ensino superior, programas de intercâmbio, projetos de língua, programas de pós-graduação, produções textuais acadêmicas, tecnologias digitais, exames de proficiência, convênios internacionais, narrativas de experiências internacionais, formação inicial e continuada de professores, políticas linguísticas, multiculturalismo, interculturalidade,

materiais didáticos, percepções de professores, inglês como língua franca, idiomas sem fronteira, práticas de letramento e políticas de inserção e acolhimento.

O aumento de produções acadêmicas sobre internacionalização nos últimos dez anos, bem como as possibilidades de chaves de leitura sobre o tema, sinaliza para sua relevância no contexto educacional atual, ainda que a maioria das pesquisas se vincule, neste momento, às universidades e ao ensino superior.

Diante desse cenário, mobilizamo-nos a discutir as concepções de internacionalização (Knight, 2020; Beelen e Jones, 2015; De Wit *et al.*, 2015; Hudzik, 2011) que circulam no *Instituto Federal de São Paulo* (IFSP), considerando que se trata de uma instituição de ensino singular no país, cuja estrutura pedagógico-curricular perpassa o ensino básico, profissional e superior, diferenciando-se, assim, tanto de escolas básicas regulares quanto das universidades – em que o discurso sobre globalização e internacionalização parecem circular mais fortemente.

Nesse sentido, baseando-nos em fontes de dados documentais oficiais e públicos do IFSP, propomo-nos, neste artigo⁴, a problematizar *as concepções de internacionalização presentes nos documentos oficiais do Instituto Federal de São Paulo*. Para tanto, organizamos a discussão proposta em quatro seções, a saber: fundamentação teórica, metodologia, análise do material de estudo e, por fim, considerações finais.

Pensando em perspectivas de internacionalização

Sendo a internacionalização uma das faces da globalização, cabe-nos antes de pensar na primeira considerar a segunda. De acordo com Baumann (1999, p. 7)

[a] globalização está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, “globalização” é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível.

A partir do que nos aponta Bauman (1999), depreendemos que, ao ser a globalização um destino irremediável e irreversível, estamos todos participando desse

⁴ Destacamos que as discussões empreendidas neste artigo são um recorte da tese de doutorado da autora em que, ademais das concepções de internacionalização no IFSP, discutem-se as práticas de internacionalização e as demandas linguísticas e culturais da instituição.

processo, estejamos ou não conscientes disso. Dessa forma, entende-se que a globalização é um fenômeno de natureza impositora o qual não se pode, por livre escolha, rejeitar, o que fortalece seu aspecto desigual. Assim, reforça Bauman (1999, p. 8):

Todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis: a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança. E, no entanto, os efeitos dessa nova condição são radicalmente desiguais. Alguns de nós tornam-se plena e verdadeiramente “globais”; alguns se fixam na sua “localidade” — transe que não é nem agradável nem suportável num mundo em que os “globais” dão o tom e fazem as regras do jogo da vida.

Contudo, compreendemos que, pese a internacionalização ser parte inerente da globalização, pode ser construída de maneira menos desigual. Assim, faz-se importante considerar as faces da internacionalização a fim não só de promovê-la, mas também de democratizá-la, entendendo como ela pode ser pensada em diferentes contextos e conscientizando os atores institucionais desse processo.

Segundo Knight (2020, p. 20) “o termo ‘internacionalização’ é utilizado de diferentes maneiras na medida em que significa coisas diferentes para pessoas diferentes”. Para algumas pessoas significa atividades internacionais como mobilidade acadêmica, para outras significa oferta de educação entre países usando diferentes técnicas, e para outras ainda pode significar a inclusão de uma dimensão internacional/intercultural no processo de ensino-aprendizagem (Knight, 2020). As diferentes formas de compreender o termo devem-se, provavelmente, ao espaço que a discussão sobre internacionalização vem ganhando na última década.

Para Knight (2004, p. 11) internacionalização pode ser compreendida como “o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global na finalidade, nas funções ou na oferta de instituições e sistemas de educação pós-secundária”. Essa definição é atualizada por De Wit *et al* (2015, p. 29) como

O processo intencional de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global na finalidade, nas funções e na oferta da educação pós-secundária *a fim de fomentar a qualidade da educação e da pesquisa para todo o corpo discente, docente e funcional, e dar uma contribuição significativa à sociedade.*

No entanto, Knight (2020) afirma que quanto mais neutra uma definição, maior sua universalidade. Segundo a autora, especificá-la pode deixá-la mais atrativa, mas

também pode transformá-la em mais uma descrição de internacionalização. Nota-se, assim, que para Knight (2020) a descrição pode e deve ser mais específica, caracterizando contextos específicos, porém a definição deve ser universal.

Nesse sentido, a autora apresenta algumas descrições de internacionalização que também compreendemos como as faces, as abordagens, os tipos ou as perspectivas de internacionalização que podem ser assumidas por instituições de ensino. Neste artigo, enfatizaremos a internacionalização abrangente e a internacionalização 5.0 “em casa” ou transfronteiriça.

O termo internacionalização abrangente é proposto por Hudzik (2011, p. 6) como

um compromisso, confirmado pela ação, de infundir perspectivas internacionais e comparativas em todo o ensino, pesquisa e missões de serviço do ensino superior. Ele molda o ethos e os valores institucionais e atinge todo o empreendimento de ensino superior. É essencial que seja abraçado pela liderança institucional, governança, corpo docente, alunos e todas as unidades acadêmicas de serviço e apoio. É um imperativo institucional, não apenas uma possibilidade desejável. A internacionalização abrangente não afeta apenas toda a vida do campus, mas também os quadros de referência, parcerias e relações externas da instituição. A reconfiguração global das economias, sistemas de comércio, pesquisa e comunicação, e o impacto das forças globais na vida local, expandem drasticamente a necessidade de internacionalização abrangente e as motivações e propósitos que a impulsionam.

Nota-se que o autor pretende envolver todos aqueles que fazem parte da instituição de ensino no compromisso de internacionalização: professores, alunos e liderança institucional, reconhecendo o impacto das forças globais na vida local e vice-versa.

No mesmo sentido, a *American Council on Education* (ACE) apresenta um modelo a fim de orientar instituições de ensino a alcançar a proposta de internacionalização abrangente. Para a ACE (s.d, p. 1)

internacionalização abrangente [é] uma estrutura estratégica e coordenada que integra políticas, programas, iniciativas e indivíduos para tornar as faculdades e universidades mais orientadas globalmente e conectadas internacionalmente. A fim de promover um envolvimento global sustentável e justo, o modelo de internacionalização abrangente abraça uma mentalidade de crescimento organizacional. Enquadra a internacionalização como um processo contínuo e não como um objetivo estático. Para esse fim, reconhece que todos os constituintes de uma faculdade ou universidade – estudantes, professores e funcionários – são aprendizes e são fundamentais para a transformação equitativa e intercultural da instituição.

Além disso, ao propor sua perspectiva de internacionalização a ACE fala de diversidade, equidade e inclusão. Considera-se, dessa forma, a relevância do acesso de estudantes ao mundo globalizado – ainda que o engajamento da associação priorize o ensino superior. Destaca-se, ainda, uma internacionalização que estabelece diálogo entre o local e o global apoiando-se em uma visão anticolonial e antirracista de mundo.

A internacionalização orientada para a justiça é criticamente autorreflexiva. Exige que os líderes institucionais e internacionais considerem ativamente quem faz parte do planejamento e da tomada de decisões. Reconhece a grande importância da internacionalização no país – que todos os estudantes merecem ter acesso a uma educação global que os prepare para uma força de trabalho contemporânea e diversificada. Cultiva uma internacionalização que é anticolonial, antirracista e inclusiva global e localmente (ACE, s.d, p.2).

Knight (2020) pontua que a proposta de internacionalização abrangente caracteriza a transição do compromisso para a ação e que o termo “abrangente” pode trazer prós e contras, posto que que cada instituição deve compreender os objetivos, necessidades e prioridades do seu contexto para gerir políticas e estratégias de internacionalização, caso contrário, coloca que “uma instituição pode ficar sobrecarregada e inclusive paralisada ao ser demasiado inclusiva ou abrangente e não adotar uma abordagem ‘estratégica’ da internacionalização” (Knight, 2020, p. 27).

No que tange à discussão sobre internacionalização “em casa” ou transfronteiriça, apesar de considerados dois pilares da internacionalização, são concepções interdependentes (Knight, 2020).

O termo internacionalização “em casa” foi cunhado por Bengt Nilsson em 1999. Em uma entrevista concedida ao professor Jos Beelen, Nilsson afirma que “teve que começar a buscar experiências de aprendizagem internacional e intercultural dentro da cidade de Malmö e ele chamou isso de “internacionalização em casa” (Baumvol, 2019, p. 50 *apud* Souza⁵, 2022, p.8)

⁵ O texto de Souza (2022) trata-se de um relatório de Pós-Doutorado ainda não publicado. As informações bibliográficas são compartilhadas a seguir. SOUZA, V. V. S. Relatório de Estágio de Pós-doutorado: Conhecendo práticas inovadoras e educativas de ‘internacionalização em casa’ no contexto da Educação. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, 2022.

Segundo Beelen e Jones (2015, p.69), “Internacionalização em Casa é a integração proposital de relações internacionais e interculturais nas dimensões do currículo formal e informal para todos os alunos dentro do país em ambientes de aprendizagem”.

Por sua vez, Knight (2020, p. 32) indica que

o conceito “em casa” foi desenvolvido para dar maior proeminência a estratégias situadas no *campus* a fim de contrabalançar a ênfase crescente na mobilidade acadêmica internacional. Estas estratégias “em casa” podem incluir a dimensão intercultural e internacional no processo de ensino/ aprendizagem, pesquisa, atividades extracurriculares, relações com grupos culturais e étnicos locais da comunidade bem como a integração de estudantes e docentes estrangeiros na vida e nas atividades do *campus*.

Para a autora, a internacionalização em casa é uma demanda institucional, posto que a experiência de estudo no exterior é significativamente baixa. Assim, mobilizar esforços de internacionalização situada no campus pode possibilitar o acesso ao mundo globalizado e culturalmente diversificado a um número significativo de atores institucionais.

Esse é o mundo em que vivemos agora, e o será ainda mais no futuro. As universidades, portanto, têm a responsabilidade e o desafio de integrar perspectivas internacionais, interculturais e comparativas na experiência de estudantes através de atividades virtuais e situadas no *campus* além de experiências de mobilidade acadêmica internacional (Knight, 2020, p. 33).

No que se refere à internacionalização transfronteiriça, Knight (2020, p. 35) afirma que “a educação transfronteiriça, muitas vezes denominada de mobilidade acadêmica internacional, diz respeito ao movimento de pessoas, programas, provedores, políticas, conhecimentos, ideias, projetos e serviços que cruzam fronteiras nacionais”.

É importante enfatizar que, em geral, ao mencionar o termo internacionalização, ele logo é relacionado à mobilidade acadêmica internacional. Para Luce, Fagundes e González Mediel (2016), a mobilidade internacional é, talvez, uma das facetas mais conhecidas da internacionalização, no entanto, é necessário elucidar que não é a única, tampouco a mais acessível. De forma complementar a essa visão, Souza (2022, p. 15) afirma que

em termos de relação entre internacionalização em casa e internacionalização transfronteiriça, é importante pontuar que as ações de internacionalização em casa podem fornecer insumos para ampliar as condições de participação de estudantes em situação de vulnerabilidade em mobilidade internacional, por exemplo, a preparação linguística e cultural pode ser feita em ambiente doméstico de forma democrática e inclusiva.

Beck e Ilieva (2019) destacam a importância de pensar internacionalização por uma ótica guiada por princípios éticos, justiça social, conscientização e respeito intercultural. Assim, para as autoras, “é necessário nos perguntarmos quais são os valores educacionais que moldam as práticas de internacionalização e que ideologias e discursos influenciam nossas razões para internacionalizar a Educação Superior” (Beck e Ilieva, 2019 *apud* Souza, 2022, p. 14).

Nesse sentido, entende-se que apesar de internacionalização ser descrita a partir de diferentes perspectivas, essas formas de compreendê-la não se excluem, mas se complementam no empenho de que o processo de internacionalização seja cada vez mais acessível para diferentes atores e contextos educacionais.

Nesse sentido, interessa-nos conhecer as concepções de internacionalização no Instituto Federal de São Paulo, cuja missão é a democratização do acesso ao conhecimento e a transformação social.

Instituto Federal de São Paulo (IFSP): um modelo de educação pública e de qualidade

Os *Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia* (IFs) fazem parte da *Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica* implementada pela lei 11.892, de dezembro de 2008, vinculada ao *Ministério da Educação* (MEC). Atualmente, constituem a Rede Federal de ensino: 38 Institutos Federais; A Universidade Tecnológica Federal do Paraná; 2 Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET); 24 escolas técnicas vinculadas às Universidades Federais e o Colégio Pedro II (Brasil, 2008).

O MEC apresenta os Institutos Federais como um novo modelo de instituição de educação profissional e tecnológica, com potencial para alcançar as necessidades educacionais e socioeconômicas do Brasil, cuja arquitetura tem como função principal a intervenção na realidade para um país soberano e inclusivo (Brasil, 2010), pois

o papel que está previsto para os Institutos Federais é garantir a perenidade das ações que visem a incorporar, antes de tudo, setores sociais que historicamente foram alijados dos processos de desenvolvimento e modernização do Brasil, o que legitima e justifica a importância de sua natureza pública e afirma uma educação profissional e tecnológica como instrumento realmente vigoroso na construção e resgate da cidadania e da transformação social. (Brasil, 2010, p. 21)

Como forma de gerir seu compromisso social, os Institutos Federais validam seu princípio da verticalização do ensino e ofertam escolarização em diferentes níveis e modalidades.

Como princípio em sua proposta político-pedagógica, os Institutos Federais deverão ofertar educação básica, principalmente em cursos de ensino médio integrado à educação profissional técnica de nível médio; ensino técnico em geral; cursos superiores de tecnologia, licenciatura e bacharelado em áreas em que a ciência e a tecnologia são componentes determinantes, em particular as engenharias, bem como programas de pós-graduação *lato e stricto sensu*, sem deixar de assegurar a formação inicial e continuada do trabalhador e dos futuros trabalhadores (Brasil, 2010, p. 26).

Stefani e Gregolin (2022) apontam ainda que dentro dessa estrutura, a porcentagem de vagas deve ser distribuída em modelo padrão para todos os IFs: 50% para cursos técnicos, 20% para licenciaturas e 30% para cursos de graduação tecnológica, especializações, mestrados profissionais e doutorados. Segundo as autoras, “voltados principalmente para a pesquisa aplicada de inovação tecnológica” (Stefani e Gregolin, 2022, p. 165).

Além disso, é importante frisar que, apesar de sua estrutura verticalizada, no que diz respeito à regulação, avaliação e supervisão, os Institutos Federais são equiparados às Universidades Federais. Desse modo, são caracterizados como instituições de ensino, pesquisa e extensão, “de natureza jurídica de autarquia, detentoras da autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-científica e disciplinar” (Brasil, 2010, p. 36), uma vez que

no tocante a esse ponto, confere-se-lhes uma autonomia que se constitui prerrogativa de autogoverno e autoformação, vinculada aos fins e aos interesses dessa institucionalidade de ensino, pesquisa e extensão que se define como instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializadas na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos às suas práticas pedagógicas. (Brasil, 2010, p. 37)

No que se refere especificamente ao *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)*, de acordo com dados disponibilizados na *Plataforma Nilo Peçanha (2023)*⁶, o órgão é o maior da Rede Federal. São 41 unidades, 4 delas em processo de implementação; 876 cursos de oferta regular (cursos técnicos, de graduação e de pós-graduação); 78.989 matrículas e 121.274 inscritos em processos seletivos. Na figura a seguir pode-se ver a distribuição dos *campi* do IFSP pela capital e pelo interior de São Paulo.



Figura 1 - Mapa do Instituto Federal de São Paulo (atualizado em 2023)⁷

Considerando a necessidade de inserir o IFSP no cenário internacional, instituiu-se, por meio da portaria n^o 1151, de 07 de abril de 2016, a *Assessoria de Relações Internacionais (ARINTER)* do IFSP, cujas atribuições são:

- I - Propor e/ou articular contatos, intermediando o estabelecimento de Acordos de Cooperação e Convênios com instituições internacionais, incentivando seus professores, pesquisadores, servidores e alunos a obter experiência acadêmica internacional, por meio de troca de experiência com instituições conveniadas.

6

Disponível

em:

<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiZDhkNGNiYzgtMjQ0My00OGVILWJjNzYtZWQwYjI0ThhYWMIiwiwidCI6IjllNjgyMzU5LWQxMjgtNGVkYi1iYjU4LTgyYjJhMTUzNDBmZi9&pageName=ReportSection69f9e658ce2c370e0e6c>, Acesso em: 22 maio 2024.

⁷ Fonte: Brasil (2024, p. 3)

- II - Gerenciar as atividades de Cooperação Internacional, sempre incentivando o ensino, a pesquisa, a extensão e a internacionalização.
- III - Criar e coordenar os Centros de Línguas do IFSP como estratégia de internacionalização, propondo e gerenciando ações que promovam a aprendizagem de línguas estrangeiras (inglês, espanhol, francês, entre outras) e português para estrangeiros, bem como outras ações afins à internacionalização. (BRASIL, 2016, s.p)

Posteriormente à criação da ARINTER e vinculadas a esse setor, foram implementadas, respectivamente, a portaria de internacionalização e a portaria de políticas linguísticas do IFSP, ambas em dezembro de 2019.

O caminho empreendido pelos IFs, de modo geral, e pelo IFSP e sua ARINTER, de modo específico, permite compreender que as reflexões para pensar a internacionalização têm avançado no âmbito dessa instituição. No entanto, lembra-nos Coelho (2018, p.12) que “diversas são as ações, as problemáticas e os desafios que permeiam o fenômeno da internacionalização”.

Assim, cabe seguir com as discussões sobre internacionalização no âmbito do IFSP, observando as singularidades do contexto em que ela acontece, bem como os sujeitos que nela estão imbricados.

Natureza do estudo e apresentação do *corpus* de análise

O presente trabalho é embasado em uma pesquisa doutoral de natureza qualitativa (Chizzotti, 2000) e de base documental (Bardin, 1977).

A natureza da pesquisa deve-se ao interesse de interpretar as concepções de internacionalização e atribuir-lhes significados, não de modo a criar generalizações, mas de entender as singularidades do contexto específico em que a coleta é realizada – o Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Por sua vez, o aspecto documental do trabalho relaciona-se ao objeto de estudo da pesquisa – documentos oficiais públicos do IFSP.

Para a realização da análise documental, baseamo-nos na proposta de Bardin (1977) e, portanto, percorremos as seguintes etapas: i) pré-análise: seleção e organização do material; ii) exploração do material: estudo aprofundado orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos; e iii) tratamento dos resultados: fase de compreensão das informações latentes nos documentos analisados.

Compõem nosso corpus de análise os documentos a seguir:

- a) *Portaria de Política de Internacionalização (PI)*⁸. Documento que orienta e oferece diretrizes para o planejamento e implementação de ações no que diz respeito à efetivação do processo de internacionalização do IFSP.
- b) *Portaria de Política Linguística de Ensino, Pesquisa e Extensão (PLEPE)*⁹. Documento que orienta e oferece diretrizes para o planejamento e implementação de ações no que diz respeito a línguas (maternas e não maternas), tanto no âmbito do ensino, quanto da pesquisa e extensão.
- c) *Relatório do Plano de Trabalho Institucional (PDI 2019-2023)*¹⁰. Documento por meio do qual se define a missão da instituição e as estratégias para atingir as metas e os objetivos dentro de um período de cinco anos.
- d) *Relatórios de Gestão (RGs 2020, 2021, 2022, 2023)*¹¹. Documentos produzidos anualmente como uma forma de prestação de contas tanto ao Tribunal de Contas da União (TCU), quanto à sociedade que pode acompanhar como a instituição atende suas demandas.

A escolha dos documentos selecionados deve-se à adequação e pertinência do documento ao tema da pesquisa, à completude/integridade do documento, à representatividade temporal dos documentos (marcada pela publicação da Portaria de Internacionalização (2019) e pelo último Relatório de Gestão Publicado (2023)), à possibilidade de diálogo que se pode estabelecer entre os documentos selecionados e ao caráter público dos documentos.

Para compreensão das concepções de internacionalização no *corpus* em análise, utilizamos como indicador de busca e leitura dos documentos o termo *internacionalização*.

Na seção a seguir apresentamos a exploração do corpus e os resultados obtidos a partir da análise empreendida.

⁸ Disponível em:

https://www.ifsp.edu.br/images/reitoria/arinter/docs/DEZ_PORT_4557_Poltica_de_internacionalizacao_IFSP_2019_Arinter_GAB_2.pdf

⁹ Disponível em:

https://www.ifsp.edu.br/images/reitoria/arinter/docs/DEZ_PORT_4722_Institui_Politica_Linguistica_de_Ensino_Pesquisa_e_Extensao_ARINTER_IFSP_1.pdf

¹⁰ Disponível em: <https://drive.ifsp.edu.br/s/GPiZPubKP5caCrI#pdfviewer>.

¹¹ Disponíveis em: <https://www.ifsp.edu.br/prestacao-de-contas/128-acesso-a-informacao/prestacao-de-contas/137-relatorio-de-gestao>

Concepções de internacionalização em documentos oficiais do IFSP

No que diz respeito à concepção de internacionalização nos documentos selecionados, depreendemos que existe uma definição explícita nos documentos de diretrizes (PI, PLEPE e PDI), como apresentado no quadro a seguir, mas não há uma definição explícita da concepção de internacionalização nos documentos de saída (RGs), podendo essa ser apenas inferida.

Concepção de internacionalização PI	Concepção de internacionalização PLEPE	Concepção de internacionalização PDI
<p>Processo que integra atividades que envolvem as diversas modalidades de mobilidade acadêmica, pesquisas colaborativas, procedimentos e iniciativas que visem à inovação tecnológica, à transferência de tecnologia e ao empreendedorismo, projetos de desenvolvimento de ações realizadas entre instituições de mais de um país e desenvolvimento de aspectos curriculares e dupla diplomação que impactem na prática pedagógica no Brasil e/ou no exterior.</p>	<p>Missão institucional do Ensino Superior, com interesse na troca de conhecimentos internacionais, posicionamento internacional estratégico, perfilado com um cenário global de inovação tecnológica, focado na melhoria de qualidade de vida no país.</p>	<p>Missão institucional do Ensino Superior, com interesse na troca de conhecimentos internacionais, posicionamento internacional estratégico, perfilado com um cenário global de inovação tecnológica, focado na melhoria de qualidade de vida no país. Processo necessário para elevar os índices de excelência em educação e pesquisa e proporcionar uma formação ampla para os alunos transitarem num mundo cada vez mais globalizado.</p>

Quadro 1 - Concepções de internacionalização: PI, PLEPE e PDI¹².

No que tange à correspondência da concepção de internacionalização na PI, na PLEPE e no PDI, cabe destacar que nos três documentos faz-se um aceno para iniciativas que visem à inovação tecnológica, como já apontado por Stefani e Gregolin (2022). No primeiro, considerando a transferência de tecnologia e o empreendedorismo e, no segundo e no terceiro, considerando, explicitamente, o cenário global.

Notamos, ainda, que a PLEPE e o PDI apresentam correspondências diretas no que diz respeito à internacionalização como uma missão institucional, especificamente, voltada para o ensino superior, com interesse na troca de conhecimentos internacionais e com foco na melhoria da qualidade de vida no país.

Por outro lado, aparecem como características de internacionalização únicas, ou seja, não correspondentes entre os documentos: a mobilidade acadêmica, as pesquisas colaborativas, o desenvolvimento de projetos entre nações e o desenvolvimento de dupla diplomação que impacte nas práticas pedagógicas no Brasil e no exterior, inerentes à PI; e a internacionalização como um processo necessário para a elevação de índices de

¹² Fonte: Elaboração própria a partir de Brasil (2019, 2019 e 2022, grifo nosso).

excelência em educação e pesquisa a fim de ampliar o trânsito de alunos em um mundo globalizado, inerentes ao PDI.

No que se refere à concepção de internacionalização inferida nos RGs, destacamos a relação entre internacionalização e mobilidade, uma vez que nos quatro relatórios (2020, 2021, 2022 e 2023) sugere-se verificar o índice de internacionalização institucional por meio do número de intercâmbios, sendo o IFSP origem ou destino (Figura 2). Esse dado pode indicar, como apontado por Luce, Fagundes e González Mediel (2016), a face predominante da mobilidade em detrimento de outras formas de internacionalização.



Figura 2 - Índice de Internacionalização IFSP¹³.

Em vista disso, compreendemos que há concepções de internacionalização em curso no *Instituto Federal de São Paulo* (IFSP) e que, em certa medida, essas concepções dialogam entre si, mas não há uma orientação conceitual, ao menos se considerarmos a relação entre todos os documentos em análise, que oriente o processo de internacionalização institucional como um todo.

Inferimos que, teoricamente, as concepções de internacionalização pretendidas pelo IFSP relacionam-se à proposta de internacionalização abrangente, termo cunhado por Hudzik (2011) e utilizado pelo ACE na assessoria de faculdades e universidades com vista à internacionalização – na PI e no PDI a ACE é mencionada explicitamente. Para a ACE (s.d, p. 1)

internacionalização abrangente [é] uma estrutura estratégica e coordenada que integra políticas, programas, iniciativas e indivíduos para tornar as faculdades e universidades mais orientadas globalmente e conectadas internacionalmente. A fim de promover um envolvimento global sustentável e justo, o modelo de internacionalização abrangente abraça uma mentalidade de crescimento organizacional. Enquadra a internacionalização como um processo contínuo e não como um objetivo estático. Para esse fim, reconhece que todos os constituintes de uma faculdade ou universidade – estudantes, professores e funcionários

¹³ Fonte: Brasil (2023, p. 53)

– são aprendizes e são fundamentais para a transformação equitativa e intercultural da instituição.

Essa concepção teórica pode transparecer mais ou menos nos documentos analisados, mas em nenhum deles aparece, veementemente, como um propósito institucional. Notamos, pelo contrário, uma concepção de internacionalização ainda muito vinculada à ideia de mobilidade internacional, como demonstra a medida de internacionalização proposta nos RGs, em que internacionalização deve ser mensurada pelo número de intercâmbios internacionais.

Além disso, ao tomar para si a concepção de internacionalização abrangente proposta pela ACE, é dever da instituição ir além da superficialidade e aprofundar a discussão sobre o tema, adaptando-o à sua realidade institucional.

Assim, entendemos que há uma orientação conceitual no IFSP que direciona forças de trabalho para o processo de internacionalização institucional, pensando em internacionalização como mobilidade acadêmica, transferência de tecnologia, empreendedorismo, parceria de projetos entre nações, dupla diplomação, missão institucional, troca de conhecimentos internacionais, posicionamento internacional estratégico e foco na qualidade de vida no país. Contudo, a concepção de internacionalização ainda parece muito fragmentada, pouco convincente e, por isso, diríamos, pouco enfatizada nos documentos institucionais.

Dessa forma, é necessário considerar que, para além da internacionalização como visão estratégica, currículo e aprendizado, estrutura organizacional, apoio ao docente, mobilidade, colaboração e parceria – termos usados nos documentos para se referir à internacionalização abrangente – a internacionalização abrangente proposta pela ACE fala também de internacionalização para todos os alunos, na relação entre o local e o global, em preparação para a força de trabalho contemporânea e em perspectivas anticoloniais e antirracistas.

Reconhece a grande importância da internacionalização no país – que todos os estudantes merecem ter acesso a uma educação global que os prepare para uma força de trabalho contemporânea e diversificada. Cultiva uma internacionalização que é anticolonial, antirracista e inclusiva global e localmente (ACE, s.d, p.2).

Diante do exposto, “é necessário nos perguntarmos quais são os valores educacionais que moldam as práticas de internacionalização e que ideologias e discursos

influenciam nossas razões para internacionalizar” (Beck e Ilieva, 2019 *apud* Souza, 2022, p. 14).

Sugerimos, assim, que o IFSP aprofunde a discussão sobre internacionalização e proponha uma orientação conceitual para práticas de internacionalização institucionais que envolvam diferentes atores da comunidade acadêmica, bem como considere a relação entre o local e o global, articulando a esse processo os ideais dos IFs de uma educação justa, equitativa e democrática com vista à inclusão e transformação social.

Nesse sentido, propomos que o IFSP considere perspectivas de internacionalização que não excluam a proposta de internacionalização abrangente, ou de mobilidade internacional, mas que contribuam para a inclusão dos atores institucionais ao mundo globalizado, ainda que sem atravessar fronteiras. Uma proposta é dar mais ênfase à internacionalização “em casa”, considerando que pode ser um caminho, por exemplo, para educação linguística e cultural (Souza, 2022).

Por fim, vale lembrar ainda, que os ideais de internacionalização, bem como os ideais dos IFs/IFSP não são excludentes, mas, pelo contrário, complementam-se. Dessa forma, é preciso apenas um olhar crítico e responsável no empenho de alinhamento de propósitos que devem transparecer nas materialidades de seus documentos.

Considerações finais

Este artigo constituiu uma parte do trabalho de doutorado, ainda em desenvolvimento, da autora, orientada pela coautora, cuja intenção é discutir concepções e práticas de internacionalização no *Instituto Federal de São Paulo*, considerando a estrutura pedagógico-curricular da instituição que oferta ensino básico, profissional e superior, além disso, também é interesse das autoras identificar demandas linguísticas e culturais da instituição, posto que são elementos centrais no processo de internacionalização. O recorte apresentado neste artigo é parte da primeira questão que orienta a pesquisa em desenvolvimento e a discussão apresentada é resultado parcial das análises empreendidas até o momento.

Por ora, constatamos que há concepções de internacionalização que permeiam os documentos analisados, no entanto, ainda são concepções fragmentas, uma vez que não se mantêm constantes nos documentos. Além disso, por um lado, notamos a tentativa de aproximação entre a perspectiva de internacionalização do IFSP e as discussões teóricas sobre internacionalização abrangente, proposta por Hudzik (2011) e utilizada pela ACE,

mas, por outro, percebemos que ainda prevalece uma concepção de internacionalização muito vinculada ao discurso de mobilidade, como indica a medida de internacionalização do IFSP, realizada, unicamente, por meio do número de intercâmbios, sendo o IFSP origem ou destino.

Dessa forma, criar uma seção ou subseção de internacionalização na qual se explicita veementemente a concepção de internacionalização ou as concepções de internacionalização que orienta(m) o trabalho institucional pode contribuir tanto para a organização do processo de internacionalização no IFSP, como, e principalmente, para envolver outros atores institucionais nesse processo, dando-lhes a oportunidade de conhecer e entender diferentes e possíveis caminhos para internacionalizar.

Diante do exposto, pese a relevância do registro documental como meio de informação institucional e da importância de analisá-los criticamente, reconhecemos como limitação da pesquisa, principalmente no que diz respeito à escolha metodológica de base documental, seu caráter estático, ou seja, de não captação da realidade no momento em que novos acontecimentos sucedem. Nesse sentido, é importante enfatizar que as informações aqui apresentadas são apenas um recorte temporal e estático da realidade e que outras formas de gerir as concepções de internacionalização no âmbito da instituição podem estar em curso.

Por fim, concluímos este trabalho com a expectativa de que as discussões aqui apresentadas se reflitam construtivamente no processo de internacionalização do IFSP, principalmente no que diz respeito ao seu projeto de democratização do conhecimento e transformação social. Que as concepções de internacionalização se materializem como possibilidades tangíveis a todos os seus atores sociais.

REFERÊNCIAS

ACE - American Council on Education. **ACE Internationalization Laboratory**. Um Dupont Circle NW, Whashington, DC: ACE, (S. d.). Disponível em: <https://www.acenet.edu/Research-Insights/Pages/Internationalization/CIGE-Model-for-Comprehensive-Internationalization.aspx> . Acesso em: 31 ago. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1977.

BAUMANN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 1999.

BEELEN, J.; JONES, E. Redefining internationalization at home. *In*: CURAJ, A.; MATEI, L.; PRICOPIE, R.; SALMI, J.; SCOTT, P. (Ed.). **The european higher education area: between critical reflections and future policies**. [S. l.]: SpringerOpen, 2015.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 30 dez. 2008a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111892.htm. Acesso em: 31 ago. 2024.

BRASIL. MEC/Setec. **Concepção e diretrizes** – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Brasília, DF: MEC/Setec, 2008b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/ifets_livreto.pdf. Acesso em: 31 ago. 2024.

BRASIL. **Um novo modelo em educação profissional e tecnológica: concepção e diretrizes**. Brasília, DF: MEC/Setec, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6691-if-concepcaoediretrizes&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 31 ago. 2024.

BRASIL. IFSP. **Portaria ARINTER**, nº 1151, de 07 de abril de 2016. Disponível em: https://enciclopedia.cursos-courses-online.edu.pl/blogs/244-significado/como-citar-portarias-abnt#google_vignette. Acesso em: 31 ago. 2024.

BRASIL. IFSP. **Portaria Nº 4557**. Institui a Política de Internacionalização do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo e dá outras providências. São Paulo, SP: IFSP, 2019a. 5 p. Disponível em: https://www.ifsp.edu.br/images/reitoria/arinter/docs/DEZ_PORT_4557_Politica_de_internacionalizacao_IFSP_2019_Arinter_GAB_2.pdf. Acesso em: 31 ago. 2024.

BRASIL. IFSP. **Portaria Nº 4722**. Institui a Política Linguística de Ensino, Pesquisa e Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo e dá outras providências. São Paulo, SP: IFSP, 2019b. 5 p. Disponível em: https://www.ifsp.edu.br/images/reitoria/arinter/docs/DEZ_PORT_4722_Institui_Politica_Linguistica_de_Ensino_Pesquisa_e_Extensao_ARINTER_IFSP_1.pdf. Acesso em: 31 ago. 2024.

BRASIL. IFSP. **Resolução nº 11/2022**. Aprova o Relatório final da comissão central do processo de revisão do PDI 2019-2023. São Paulo, SP: Conselho Superior do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 2022, 75 p. Disponível em: <https://drive.ifsp.edu.br/s/GPiZPubKP5caCrI#pdfviewer>. Acesso em: 31 ago. 2024.

BRASIL. IFSP. **Relatório de gestão (IFSP)**. São Paulo, SP: IFSP, 2020. Disponível em: <https://www.ifsp.edu.br/prestacao-de-contas/128-acesso-a-informacao/prestacao-de-contas/137-relatorio-de-gestao>. Acesso em: 31 ago. 2024.

BRASIL. IFSP. **Relatório de gestão (IFSP)**. São Paulo, SP: IFSP, 2021. Disponível em: <https://www.ifsp.edu.br/prestacao-de-contas/128-acesso-a-informacao/prestacao-de-contas/137-relatorio-de-gestao>. Acesso em: 31 ago. 2024.

BRASIL. IFSP. **Relatório de gestão (IFSP)**. São Paulo, SP: IFSP, 2022. Disponível em: <https://www.ifsp.edu.br/prestacao-de-contas/128-acesso-a-informacao/prestacao-de-contas/137-relatorio-de-gestao>. Acesso em: 31 ago. 2024.

BRASIL. IFSP. **Relatório de gestão (IFSP)**. São Paulo, SP: IFSP, 2023. Disponível em: <https://www.ifsp.edu.br/prestacao-de-contas/128-acesso-a-informacao/prestacao-de-contas/137-relatorio-de-gestao>. Acesso em: 31 ago. 2024.

COELHO, I. A. **A Internacionalização da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica: fundamentos, ações e perspectivas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

COELHO, G.; BEHNCK, V.; VELASQUES, M. Institutos Federais Internacionalização e políticas linguísticas: caminhos para um ensino de línguas intercultural e democrático. *In: 7º SICT-Sul - Simpósio de Integração Científica e Tecnológica do Sul Catarinense*. Araranguá, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://eventoscientificos.ifsc.edu.br/index.php/sictsul/7-sict-sul/paper/view/2602>. Acesso em: 31 ago. 2024.

HIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo, SP: Cortez Ed., 2000.

DE WIT, H.; HUNTER, F.; EGRON-POLAK, E.; HOWARD, L. (ed.). **Internationalization of higher education: A study**. Local: Brussels: European Parliament, 2015.

HUDZIK, J. **Comprehensive Internationalization: From concept to action**. Washington, DC: NAFSA, Association of International Educators, 2011.

KNIGHT, J. **Internationalization remodeled: definitions, rationales, and approaches**. Nova York, NY: Sage Publishing, 2004. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1028315303260832>. Acesso em: 31 ago. 2024.

KNIGHT, J. **Internacionalização da educação superior: conceitos, tendências e desafios**. *E-book*. São Leopoldo, RS: Oikos Editora, 2020. Disponível em: <https://oikoseditora.com.br/files/Internacionalizacao%20da%20educ%20superior%20-%20JANE%20KNIGHT%20-%20e-book.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2024.

LUCE, M. B.; FAGUNDES, C.; MEDIEL, O. Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica. Sorocaba, SP: **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, (Campinas), 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772016000200002>. Acesso em: 31 ago. 2024.

STEFANI, V. C.; GREGOLIN, I. Internacionalização na Rede Federal Tecnológica: uma análise das ações previstas na política de internacionalização do Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Fortaleza, CE: **Revista Linguagem em Foco**, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/8365>. Acesso em: 31 ago. 2024.

Como referenciar este artigo:

SOUZA, Rafaela Silva de; GREGOLIN, Isadora Valencise. Concepções de internacionalização no Instituto Federal de São Paulo (IFSP): uma análise documental. **revista Linguagem**, São Carlos, v.46, n.1, p. 58-77, 2024.

Submetido em: 31/07/2024

Aprovado em: 19/11/2024